

No Turbilhão da Lonjura  
Carlos Neves Carvalho  
Lisboa, 13 de Fevereiro de 2000  
in: No Grande Silêncio (catálogo)

No mesmo leito (da tela) flui o rio e a raiz. Na mesma onda do canto. No manto afundam-se os veios. À flor da pele outros partem. Novos sonhos se repartem, por outros matizes e meios. Visíveis alguns caminhos, no desafio dos que se escondem. Nas mesmas margens quadradas, quantos outros são de seiva. Sangue. Água prenhe da terra. Entre o rio e a raiz há o meandro de um r. No mesmo leito da tela. Em cada meandro há um veio que serpenteia entre grãos. Que bebe a luz e a baba em cada desvio, nos desvãos. Nalguma sombra mais densa há uma voz na secura; a terra escuta, emudece. A luz grave, no olhar. Já o tumulto estremece a espessura leve da cinza. Se algum leito secar pela fúria do tempo, pleno será o silêncio da harmonia a transbordar. Peregrina, fugidia. Numa estrela polar. Nas veias de cada mão. Em vez do brilho o segredo que guarda cada semente. Em cada semente outra luz. No firmamento do chão. Quantos sinais na joeira, em cada fio da razão. No abismo se funde o branco, na imensidão do azul. No turbilhão da lonjura.